



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS REPRESENTANTES DA FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL

Sexta-feira, 25 de junho de 2021

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs!

«A vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo!» (*Rm* 1, 7). E com as palavras que o Apóstolo Paulo dirigiu aos cristãos que se encontravam em Roma, desejo dar-vos as boas-vindas e saudar-vos, Representantes da Federação luterana mundial; em particular ao Presidente, Arcebispo Musa, a quem agradeço as suas palavras, e ao Secretário-Geral, Rev.do Martin Junge. Recordo de bom grado a minha visita a Lund — lembra-se? — cidade onde a vossa Federação foi fundada. Naquela fase ecuménica inesquecível, vivemos o poder evangélico da reconciliação, atestando que «graças ao diálogo e testemunho compartilhado, já não somos desconhecidos» ([Declaração conjunta](#), 31 de outubro de 2016). Não desconhecidos, mas irmãos.

Caros irmãos e irmãs, no nosso percurso do conflito à comunhão, no dia da comemoração da *Confessio Augustana*, viestes a Roma para que a unidade cresça entre nós. Agradeço-vos por isto e expresso a minha esperança de que a reflexão comum sobre a *Confessio Augustana*, tendo em vista o 500º aniversário da sua leitura a 25 de junho de 2030, beneficie o nosso caminho ecuménico. Eu disse “no caminho do conflito à comunhão”, e este caminho é feito apenas em crise: a crise que nos ajuda a amadurecer no que procuramos. Desde o conflito que vivemos ao longo de séculos e séculos, até à comunhão que desejamos, e para isso nos colocamos em crise. Uma crise que é uma bênção do Senhor. Na época, a *Confessio Augustana* representou uma tentativa de evitar a ameaça de uma cisão no cristianismo ocidental; originalmente destinado a ser um documento de reconciliação intra-católico, só mais tarde assumiu o carácter de um texto confessional luterano. Já em 1980, por ocasião do seu 450º aniversário, Luteranos e Católicos afirmaram: «O que reconhecemos na *Confessio Augustana* como fé comum pode ajudar-nos a confessar esta fé juntos de uma forma nova também no nosso

tempo» (Declaração Conjunta “Todos sob um só Cristo”, n. 27). Confessar juntos o que nos une na fé. As palavras do Apóstolo Paulo vêm à mente quando escreveu: «Um só corpo [...] um só batismo. Um só Deus» (*Ef* 4, 4.5-6).

Um só Deus. No primeiro artigo, a *Confessio Augustana* professa fé no Deus Uno e Trino, referindo-se especificamente ao Concílio de Nicéia. O credo de Nicéia é uma expressão de fé obrigatória não só para Católicos e Luteranos, mas também para os irmãos Ortodoxos e para muitas outras comunidades cristãs. É um tesouro comum: esforcemo-nos por assegurar que o 1700º aniversário daquele grande Concílio, que terá lugar em 2025, dê um novo impulso ao caminho ecuménico, que é um dom de Deus e para nós um caminho irreversível.

Um só batismo. Caros irmãos e irmãs, tudo o que a graça de Deus nos está a proporcionar a alegria de experimentar e partilhar — a crescente superação das divisões, a cura progressiva da memória, a colaboração reconciliada e fraterna entre nós — encontra fundamento precisamente no «único batismo para a remissão dos pecados» (*Credo niceno-constantinopolitano*). O santo batismo é o dom divino original, que está na base de todos os nossos esforços religiosos e de todo o empenho em alcançar a unidade plena. Sim, porque o ecumenismo não é um exercício de diplomacia eclesial, mas *um caminho de graça*. Não se baseia na mediação e acordos humanos, mas na graça de Deus, que purifica a memória e o coração, supera a rigidez e orienta-se para uma comunhão renovada: não para acordos descendentes ou sincretismos conciliatórios, mas para *uma unidade reconciliada nas diferenças*. Nesta perspetiva, gostaria de encorajar todos aqueles que estão envolvidos no diálogo católico-luterano a continuarem com confiança na oração incessante, no exercício da caridade partilhada e na paixão pela busca de uma maior unidade entre os vários membros do Corpo de Cristo.

Um só corpo. A este respeito, a *Regra de Taizé* contém uma bela exortação: «Tende a paixão pela unidade do Corpo de Cristo». A paixão pela unidade amadurece através do sofrimento que sentimos diante das feridas que infligimos ao Corpo de Cristo. Quando sentimos dor pela divisão dos cristãos, aproximamo-nos do que Jesus experimentou, pois ele continuou a ver os seus discípulos desunidos, as suas vestes rasgadas (cf. *Jo* 19, 23). Hoje oferecestes-me uma patena e um cálice provenientes das oficinas de *Taizé*. Agradeço-vos por estes dons, que evocam a nossa participação na Paixão do Senhor. De facto, também nós vivemos uma espécie de paixão, no seu duplo significado: por um lado, o sofrimento, porque ainda não é possível reunir-nos à volta do mesmo altar, do mesmo cálice; por outro, o ardor em servir a causa da unidade, pela qual o Senhor rezou e ofereceu a sua vida.

Continuemos, portanto, com paixão no nosso percurso do conflito à comunhão no caminho da crise. A próxima fase será sobre a compreensão dos laços estreitos entre Igreja, ministério e Eucaristia. Será importante olhar com humildade espiritual e teológica para as circunstâncias que conduziram às divisões, confiando que embora seja impossível desfazer os tristes acontecimentos do passado, é possível relê-los dentro de uma história reconciliada. A vossa

Assembleia Geral em 2023 poderia ser um passo importante para a purificação da memória e para a valorização dos muitos tesouros espirituais que o Senhor estabeleceu ao longo dos séculos.

Estimados irmãos e irmãs, o percurso que vai do conflito à comunhão, no caminho da crise, não é fácil, mas não estamos sozinhos: Cristo acompanha-nos. Que o Senhor crucificado e ressuscitado nos abençoe a todos, e em particular a si, caro Reverendo Junge, caro amigo Martin, que no dia 31 de outubro terminará o seu serviço como Secretário-Geral. Agradeço-vos de novo sinceramente a vossa visita e convido-vos a rezar juntos, cada um na própria língua, o Pai-Nosso para o restabelecimento da plena unidade entre os cristãos. E o modo de o realizar, deixemos ao Espírito Santo que é criativo, muito criativo, e também poeta.

Rezemos o Pai-Nosso. “Pai nosso...”.